

Apenas trinta!

São os erros que contabilizei depois de ler o último Iátrico. Deve ser um recorde. Para alguém com tendência perfeccionista é fácil compreender porque tenha tido uma súbita palidez colérica seguida de ruborização vexânica. Alguns foram mudanças gráficas, principalmente em acentos e pontuações. Pode-se imaginar que tenham sido pecados veniais, será? Claro que não. Consciência e uma nova maneira de observá-la e estudá-la virou consciência e uma nova maneira de observá-la e **escutá-la**. Quase igual. Pecados como esse foram café pequeno. Vamos aos mortais: a vetusta ossada do Gregório de Matos teve um sismo osteocálcico ao ver grafado: "(O) todo sem a parte, não é o todo; a parte sem o todo não é a parte; mas se a parte faz o todo, sendo parte, não se diga que é parte, sendo o todo", por algo que me recuso escrever. Já o Merquior, coitado, mesmo depois de morto deve ter me desqualificado até à 5.ª geração pela ininteligível: "se cito é por ali, se ali aprendi e, ... quando deveria ser, "se cito é porque li, se li aprendi e, se confesso que preciso de aval ao que estou pensando e me socorro dos outros, é prova de humildade". Agora, algo fantasmagórico também aconteceu. Não é que o poeta húngaro Györy Somlyó teve seu Ataque Cardíaco enxertado com uma primeira linha de outro poema aqui já publicado? Além de incompreensível, dá a idéia que essa primeira linha tenha sido plagiada no poema *Sinais*. Desconfio que tenha sido coisa de computador...

Tudo bem que o motivo tenha sido a pressa na finalização da edição n.º 5. O "boneco", nome que se dá à prova que deve ser corrigida, nem foi visto. O leitor não tem nada com isso, merece respeito. Como dizia a personagem em Júlio César, de Shakespeare, "a culpa, meu caro Brutus, não está nas estrelas, mas em nós mesmos". João Manuel, Priscila e Hernani pedem desculpas aos leitores. Afinal, já é muito difícil tê-los, e mais difícil ainda mantê-los. A vergonha, dizia Nietzsche, é a mãe do aprendizado. Aprendemos.

Do Caderno Verde

"Se você é capaz de amar, trabalhar e de se relacionar, você tem as bases da humanidade."

Freud, dito de outra maneira.

Não é um bom conceito de normalidade? O resto é singularidade e diversidade. Ou enfermidade...

O autor

O autor do encarte Iátrico, Dr. João Manuel Cardoso Martins, é Professor de Clínica Médica e Reumatologia da PUC-PR e membro da Academia Paranaense de Medicina. Também integra o Conselho Editorial do CRM e é autor da edição inaugural dos Cadernos do Conselho. Comentários críticos, sugestões ou colaborações devem ser enviadas para o endereço eletrônico do Jornal do CRM (jornal@crmp.org.br).

Um porquê

A tese subjacente à realização do Iátrico é a de que a ciência, mesmo que não seja plenamente exercida, é reconhecida pela maioria dos médicos como algo essencial, da natureza mesma da medicina; já a arte médica não tem a mesma unanimidade. Alguns jovens médicos nem saberiam entendê-la nesse contexto. Embora reconheçamos que a arte, na prática, freqüentemente começa onde termina o poder científico, pensamos que possa ter outras serventias como a de facilitar o acesso à ciência. Ou seja, é a arte que explica e dá sentido, ao revelar claramente ao paciente o caminho que deve percorrer para atingir o objetivo de controle ou cura da doença. Ou a melhor maneira de lidar com o que não pode ser mudado. Traduzindo a ciência em linguagem compreensível, ou ainda usando analogias, metáforas ou exemplos do senso comum, faz o paciente aumentar sua possibilidade de adesão. Numa frase: a arte torna a ciência amiga. Na verdade, as duas, são uma unidade indissociável. Só com ciência o médico, não raro, torna-se iatrogênico. Só com suposta arte pode cair na enganação. Como desenvolvê-la? Seu treinamento ocorre no exercício sério de uma religião, das artes em geral – lembrem-se da frase que diz ser a arte a religião dos intelectuais? – e na vivência refletida. No exercício da subjetividade. Para isso vale tanto um conceito quanto uma imagem, tanto uma poesia quanto um sentimento inesperado, desde que refletidos. Significa que o médico deve educar-se, e ser educado é saber pensar. E saber pensar é aperfeiçoar-se. São Jerônimo dizia que há um tipo de analfabeto que é o pior de todos, é aquele que apesar de escolarizado razoavelmente não dá importância à cultura, é o que possui a "ignorância desejada". Esses falarão, no máximo, de pessoas, não se interessarão por idéias. São as idéias, quaisquer que sejam, veiculadas sob quaisquer formas, em seu livre mercado que interessam ao Iátrico. E à formação dos jovens médicos. Pela indissolubilidade da arte e ciência.

PALAVRAS de Mestre

"O homem moderno pensa perder algo – tempo - quando não faz as coisas depressa; entretanto não sabe o que fazer com o tempo que ganha, a não ser matá-lo".

Erich Fromm

"É mais perigoso um mau médico do que uma fera solta, pois esta é conhecida e evitável, àquele (o médico) se entregam os pacientes convencidos de que as faculdades selecionam e ensinam com rigor. Que excluem os ineptos e imorais, o que infelizmente não é verdade".

Bernardo Houssay, fisiologista argentino, Nobel de 1926.

MEMES

- O carcinoma pulmonar de células pequenas e o de células escamosas são usualmente de localização central; adenocarcinoma, com sua variante de células broncoalveolares e os cânceres indiferenciados de células grandes são lesões periféricas.
- Hemoptise é muito mais comum no de células escamosas do que no de pequenas células, pela localização submucosa deste último.
- As síndromes paraneoplásicas – produção ectópica de ACTH, secreção inapropriada de hormônio anti-diurético e síndrome de Eaton-Lambert – são tipicamente causadas pelos cânceres de pequenas células.
 - Todo adulto com vinte ou mais anos deveria ter seu perfil lipídico medido a cada cinco anos.
- Terapia inicial para qualquer hipertenso e/ou dislipidêmico: controle de peso; dieta; exercício; abstinência tabágica; restrição alcoólica.
 - Não esqueça: tiazídicos aumentam o colesterol total e LDL; betabloqueadores – sem atividade simpaticomimética intrínseca – reduzem HDL e aumentam os triglicédeos.
- Quedas são a principal causa de morte em gerontos. Medicamentos – ansiolíticos, hipnóticos, diuréticos, anti-hipertensivos, hipoglicemiantes – distúrbios visuais e de marcha e transtornos vestibulares aumentam a possibilidade de quedas.
 - Locais de maior risco de queda: quarto e banheiro. Verifique a segurança desses lugares.
- Artrite reumatóide no geronto pode ocorrer de maneira insidiosa e com látex e VHS normais. A ausência de achados laboratoriais aumenta a possibilidade de remissão espontânea.
 - A prevalência de hipertireoidismo aumenta com a idade. Condições subclínicas ou oligossintomáticas deveriam ser consideradas. Tal diagnóstico no geronto implica em reposição hormonal inicial com baixa dose e aumento progressivo lento.
- Paciente com hiperaldosteronismo primário comumente não tem edema apesar do volume extra-celular aumentado.
- Paciente com alguma evidência de hepatite viral, e com FAN positivo, deve ser avaliado quanto à possibilidade de hepatite auto-imune. A biópsia hepática deve revelar a presença de infiltrado plasmocitário. O diagnóstico é importante porque o paciente é responsivo a imunossupressores com reversão da patologia hepática.
 - Os achados de oftalmoplegia, nistagmo, confusão mental ou anormalidades na marcha em um paciente alcoólico deve levantar a suspeita de encefalopatia de Wernicke. O tratamento é com tiamina. Polineurite é um achado associado na maioria dos casos.
 - Os tumores sólidos que metastizam, preferencialmente, em osso são: próstata, pulmão, mama, rim e tireóide.
 - O sintoma característico da estenose do canal vertebral é a pseudo-claudicação (claudicação neurogênica), que é caracterizada por dor, amortecimento e fraqueza de glúteos e membros inferiores ao caminhar. Ao contrário da claudicação intermitente (vascular), não melhora quando o paciente pára a deambalação; o alívio só sobrevém ao sentar-se ou deitar-se. Ou ficando de cócoras.

CAMINHOS

*Tantas maneiras de doer,
Tantos modos de mitigar,
tantas formas de sofrer,
tantos caminhos de curar.
As convicções são ralas e as opções dúbias,
ajuizar tem tudo a ver.
Conservar, promover e reparar, tem tudo a ser.*

Homenagem a Laura Finochiaro

Na medicina, são comuns vários caminhos para atingirmos o mesmo objetivo. Impedimentos científicos, financeiros, pessoais ou casuais, podem ser o óbice. A busca do atalho revelador, a solução. Nada aquém da matéria, disciplina ou ciência. Abaixo apresentamos um caminho do Professor Fernando Silveira Picheth:

UM CAMINHO...

À semelhança do poeta Florentino, mas não no meio da jornada, diria, a beirar o fim dela, senti a necessidade de encontrar um caminho que pudesse dar-me a possibilidade de melhorar e aperfeiçoar o relacionamento dos médicos jovens com os doentes, e, em consequência, desenvolver com dignidade nosso mister.

Escreveu o poeta “chê la diritta via era smarrita”. Nosso idioma não alcança o significado do “smarrire”, isto é, algo que, perdido, pode ser encontrado.

Também, não me encontrava numa selva escura, mas nas enfermarias do Hospital de Caridade, e com possibilidade de encontrar as veredas que me levariam a questionar o rumo a seguir. Pensei. Só há uma saída, buscar o conhecimento. Pede-se ajuda; encontra-se, pois há, alhures, Beatriz e Virgílios com vocação cirenaica. Refleti: é arriscado, todavia na globalização é discurso diuturno, a interdisciplinaridade. Mergulhei no livro e pesquei o que estava “smarrito”. Encontrei-os, pasmem, não num livro de Semiologia Médica, mas numa Gramática de Texto: Samira, a Beatriz; Jésus, o Virgílio.

Não foi fácil. Retomei o homem de Florença e lembrei-me de uma das suas advertências. Escreveu: “Lasciatte ogni speranza voi ch'entrate” – entrei -, afinal praticamos uma ciência que não é exata, e aberta a equívoco. Entre o erro e o acerto a distância é pequena, mas sei que devemos evitar o erro, então, mão na massa.

A anamnese:

- a história dos acontecimentos;
- em jogo, o doente;
- o objetivo, o diagnóstico;
- do diagnóstico, o tratamento;
- do tratamento, a razão de ser do médico, isto é, o bem-estar do doente.

O médico, agente da ação:

Transferir para o papel a realidade.

Recursos: Papel

1. **Objetivos:** lápis ou caneta (ou computador) banco ou cadeira

2. **Subjetivos:** tempo

- momento propício (exceção emergências)
- inteligência – sabedoria-criatividade
- ligação: eu – ele, ao lado, vazio.
- A conversa com a cédula, com o tecido, com o órgão...

A razão do exercício: aprende-se como a Beatriz e o Virgílio.

É como se estivéssemos a escrever um texto. O que é texto? Eu pergunto à palavra texto. Ela nos diz: origino-me do verbo tecer: um participio, o mesmo que tecido. Sabe, eu, texto, sou um tecido de palavras. Escute o que meus pais Samira, a Beatriz, e Virgílio, o Jésus, têm a ensinar: “Selecionando palavras disponíveis e combinando-as tecemos imagens do mundo e podemos nos comunicar uns com os outros”. Entendeu?

Agora; recôndito, penso: para pôr em prática o que acabo de aprender só há um caminho para o Paraíso: a praxis, isto é, agir, refletir sobre a ação; voltar a agir e aperfeiçoar o meu fazer. Se conseguir estarei a exercer com a sapiência o meu labor, e poderei dizer como Escrivá: “In lactitia nulla dies sine Cruce” (na alegria, nenhum dia sem a cruz).

Pedras de Toque II

Fragmentos de um roteiro interior

Música Popular – Tenderness, álbum de Al Jarreau, 1994. Repare toda a excelência técnica de sua voz na música Your Song, consagrada por Elton John com versos de Bernie Taupin. E aproveite uma audição celestial de um dueto humano: My Favorite Things, Kathleen Battle e Jarreau.

Música Clássica – The Encore Collection, Leonard Bernstein, CBS. Três CDs com os tesouros favoritos do grande maestro e compositor.

Poesia – Tabacaria, Fernando Pessoa. Muitos colocam este poema como um dos melhores do século XX. Com seu início em crescendo, da insignificância à possibilidade: “Não sou nada./Nunca serei nada./Não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

Literatura – Consiliência – A unidade do conhecimento, E. O. Wilson, Ed. Campus, 1999. Considerado para futura resenha.

Cinema – Um golpe do destino (The Doctor). EUA, 1993. Este filme tem sido muito utilizado nas escolas médicas para discutir o papel dos médicos e suas dificuldades com a alteridade. No filme, o bem-sucedido Dr. Jack McKee, contrai câncer na laringe e é obrigado a conhecer o universo da medicina pelo avesso: na condição de paciente. A discussão sobre suas mudanças, ou até que ponto grandes eventos nas vidas das pessoas podem operar profundas mudanças, é apaixonante.

Diálogos (im)pertinentes

Conta-se que um grande clínico de seu tempo, Miguel Couto, passeava por Copacabana, então princesinha do mar. Foi avistado por uma paciente, acompanhada de amiga, e se aproximaram.

- Como vai, doutor, bonita manhã, não?

- Bonita e de mar calmo, respondeu com palavras de ocasião.

A amiga, visivelmente excitada com figura tão ilustre, irrompe:

- Por favor, doutor, tenho tido uma dor na barriga irritante, sobe e desce, incomoda, e ninguém acha a causa, qual sua opinião?

- Minha senhora, exclamou serenamente o velho mestre: dispa-se e deite-se!

Moral: Tudo tem sua hora, vez e lugar.

São Lucas, o apóstolo médico. Ilustração de um Evangelho bizantino do século X. Museu Britânico (Londres) - extraído do “Admirável Mundo Médico”, de Armando Bezerra.

Jaculatórias III

Jatos de idéias médicas para refletir e criticar

- Médico deve usar a doença do paciente para que o mesmo veja sua vida sobre outro ângulo, já que a normalidade dificulta isso. Difícil ver alternativas vivenciais no silêncio dos órgãos e dos afetos.
- Medicina pode tornar-se uma paixão avassaladora derretendo todos os outros ingredientes da vida. Solução: para cada hora de leitura médica, leia uma hora de qualquer outra boa coisa, de preferência com método próprio.
- Médico não deve deixar que pacientes saibam sobre sua vida, que deve ser neutra. Nunca nossos achaques, vulnerabilidades, preferências ou talentos devem estar em questão. Só o material do paciente. Para isso nos dá poder ilimitado. E sejamos parcimoniosos na ação.
- Médico não se imiscui na vida dos pacientes. Só oferece conselhos científicos. Ou dá referências, que é o que de melhor a ciência, a tecnologia, a filosofia, a religião ou as artes nos trouxeram; por serem universais, bons para qualquer um, em qualquer lugar.
- Referencial é feito um farol. Emite o facho de luz e diz ao navegante estar em águas perigosas. Este, com sua experiência e instrumentos náuticos, levará a embarcação por águas que lhe pareçam mais seguras. O farol alerta, não aponta.
- Na medicina o objetivo primário é aliviar o sofrimento humano ou controlar uma desregulação; o secundário é curar. Porque apesar dos avanços ainda curamos pouco.
- Seja uma pessoa agradável: escute muito, fale pouco. E siga a seguinte fórmula: ponha espinhos nos ouvidos – filtram a entrada de qualquer coisa – e esperança no falar.
- Os pacientes querem médicos perfeitos, sem defeitos; não gostam de ver no espelho, que é o outro, suas próprias imperfeições. Faça de conta, seja um bom ator. Converta seus defeitos em motivo de admiração. Os pacientes precisam ter no que se mirar.

- Encontre os pontos fracos do paciente. Mas não os mostre, permita que o próprio os descubra. Em descobrindo, não os mudará, já será bom se usá-los menos.
- Médico nunca deve falar bem de si próprio, deve cultivar a discrição. Nunca exagere seus feitos, serão vistos com reservas. A medicina como ciência de probabilidades nos põe uma armadilha em cada caso. Impossível superar todas. Seja sensato: tenha vitórias contidas e derrotas refletidas.
- Médico nunca deve falar explicitamente de seus pacientes que estão sempre sob o manto do segredo profissional. Nem mesmo ao cônjuge. Deve ser um silêncioso. Parte de sua credibilidade depende disso.
- Médico será apreciado se tiver caráter, um pouco de saber e um pouco de sabedoria. Isso é raro no ser humano. Saque: o ouro é ouro, e portanto referência para a nobreza dos metais porque é escasso; o diamante é diamante, e portanto referência para pedras preciosas porque é escasso; o ser humano com princípios e valores também é referência porque é escasso. E ainda tem um dever: servir de paradigma para os outros de modo que possam deixar de ser “um saco de estrume ambulante, com direito a florir”, e floresçam de fato para a vida e para o convívio. A qualidade sempre foi escassa.
- Quem não se respeita a si como é que vai respeitar os outros? Quem está doente de si mesmo não pode cuidar dos outros.
- Médico não tem escapatória, tem que ser equilibrado. Se não o for por natureza, tem que consegui-lo por aprendizado e diligência. O paciente, apesar de sua freqüente impaciência, desequilíbrio ou grosseria, não tem nada a ver com nosso mau-humor, esquisitices ou ranzinices. Por isso, somos especiais. No dizer de santo Tomás de Aquino levamos aos outros a contemplação, nos modos e na ciência.

iátrico JORNAL dos MÉDICOS

Um nada que faz a diferença

É corrente se dizer que ouvir é a melhor forma de saber o quê, como e quando falar. É usual também que se aprenda que devemos nos manter quedos e silenciosos quando não sabemos o que fazer ou falar. Mas o estudante de medicina está sempre inquieto por exemplos. Histórias úteis que revelem um *modus operandi*, que sejam um instrumento importante no processo educacional. Modelos para copiar. Todos começamos copiando, imitando, é o aprendizado por observação. Depois é que tornamos o processo pessoal, criamos um estilo. Os mitos satisfazem a necessidade básica de servir de modelo. Ao contrário das habilidades que são ensinadas por quem sabe e aprendidas, se repetidas, e aperfeiçoadas quanto mais repetidas, as atitudes são apenas transmitidas, como a experiência, não se ensinam, são cópias para se usarem no laboratório da vivência que uma vez processadas e assimiladas, poderão se tornar fluentes no comportamento humano. É a diferença entre ensino e educação. O primeiro se insere, se coloca dentro. O segundo terá que ser tirado de dentro para fora, terá que ser expresso por meios próprios. Os mitos facilitam esse processo ao ajudar a comparar ou imaginar, questionar ou libertar; é com essa intenção que reproduzimos este mito oriental.

Um rei oriental teve um sonho que o assustou de forma especial. Sonhara que todos os seus dentes tinham caído, um após o outro. Inquieto, mandou chamar o especialista na arte de interpretar sonhos. Este ouviu o relato com expressão preocupada, e disse ao rei: "tenho que lhe dar uma triste notícia. Você vai perder todas as pessoas de sua família, uma após a outra, exatamente como perdeu os dentes em seu sonho". Essa interpretação provocou a ira do rei. De imediato, ordenou que lançassem aquele homem ao calabouço. Em seguida, mandou chamar outro especialista. Este escutou atentamente a descrição e disse: "Estou contente em lhe dar uma notícia que o fará feliz: você vai viver até idade mais avançada do que toda a sua família e sobreviverá a eles". O rei ficou contentíssimo com essas palavras e o recompensou largamente. Os cortesãos ficaram espantados. "Mas você, no fundo, nada disse de diferente do que afirmou o seu infeliz antecessor. Como, então, ele foi punido enquanto você foi recompensado?" Este respondeu: "Demos interpretação idêntica ao sonho. Contudo, o importante não é apenas o que se diz, mas também a maneira de dizer".

Quer dizer, não basta cantar, tem que encantar, diria o artista popular. Não basta ter talento, tem que ter sensibilidade.

"Uma relação tem que servir para tornar a vida dos dois mais fácil..."

Vou dar continuidade a esta afirmação porque o assunto é bom e merece ser desenvolvido. Algumas pessoas mantêm relações para se sentirem integradas na sociedade, para provarem a si mesmas que são capazes de serem amadas, para evitar a solidão, por dinheiro ou por preguiça. Todos fadados à frustração.

Uma relação tem que servir para você se sentir 100% à vontade com a outra pessoa, à vontade para concordar com ela e discordar dela, para ter sexo sem não-me-toques ou para cair no sono logo após o jantar, pregado.

Uma relação tem que servir para você ter com quem ir ao cinema de mãos dadas, para ter alguém com quem viajar para um país distante, para ter alguém com quem ficar em silêncio sem que nenhum dos dois se incomode com isso.

Uma relação tem que servir para, às vezes, estimular você a se produzir e, quase sempre, estimular você a ser do jeito que é, de cara lavada e bonita a seu modo.

Uma relação tem que servir para um e outro se sentirem amparados nas suas inquietações, para ensinar a confiar, a respeitar as diferenças que há entre as pessoas, e deve servir para fazer os dois se divertirem demais, mesmo em casa, principalmente em casa.

Uma relação tem que servir para cobrir as despesas um do outro num momento de aperto, e cobrir as dores um do outro num momento de melancolia, e cobrirem o corpo um do outro quando o cobertor cair.

Uma relação tem que servir para um acompanhar o outro no médico, para um perdoar as fraquezas do outro, para um abrir a garrafa de vinho e para o outro abrir o jogo, e para os dois abrirem-se para o mundo, cientes de que o mundo não se resume aos dois.

Dr. Drauzio Varela

Antologia

"É só você chegar

Para eu me esquecer de mim"

Saigon, de Cláudio Cartier, Paulo Feital e Carlão.

Porque todos anseiam essa doença de si mesmo?
Porque a buscam desesperadamente mesmo sabendo que é
evanescente e acaba em estilhaços? Pulsões, ora!

"... qualquer desatenção pode ser
a gota d'água".

Chico Buarque

Ah, esse amor extremado, pathos, paixão,
patológico, freqüente, irresistível e destrutivo.

Instintos, ora! Encaminhe-mo-los...

"Saudade

Torrente de paixão

Emoção diferente

Que aniquila a vida da gente".

Canção de Amor, Elano de Paula e Chocolate.

Chamemos a terapeuta Cecília Meireles:

"Levai-me onde quiserdes/ aprendi com as primaveras/ a deixar-me
cortar/ e a voltar sempre por inteiro..."

Poesia

A tuberculose é a doença infecciosa que mais matou até hoje. Problema não erradicado no mundo periférico, recrudescer no primeiro, via Aids. Virou cultura mercê os artistas que matou ou que dela se apropriaram para defender seus medos ou infortúnios. Ou para glorificar o mártirio ou heroísmo de seus amigos ou conhecidos.

No Brasil, quando se inventaria a melhor poesia tísica, correm na reta final cabeça-a-cabeça dois poemas: *Pneumotórax*, de Manuel Bandeira, aqui já publicado — lembrem-se de, "A vida inteira que podia ter sido e não foi" e de "A única coisa a fazer agora é tocar um tango argentino"? —, e *Sanatório*, de Ascânio Lopes. Neste, a sensibilidade do poeta descreve a inevitabilidade do sofrimento e sua analogia com um mundo sombrio que não controlamos, e termina brilhantemente com uma analogia de luta e força, a vítima mantendo sua dignidade.

Sanatório

Logo, quando os corredores ficarem vazios,
e todo o Sanatório adormecer,
a febre dos tísicos entrará no meu quarto
trazida de manso pela mão da noite.

Lá fora haverá um vento mau
e as árvores sacudidas darão medo.
Ah! Os meus olhos brilharão, procurando
a morte que quer entrar no meu quarto.

Então minha testa começará a arder,
todo o meu corpo magro sofrerá,
e eu rolarei ansiado no leito
com o peito oprimido e de garganta seca.

Os meus olhos brilharão como os da fera
que defende a entrada de seu fojo.

Ascânio Lopes, *Revista Verde*, pág. 12

Poesia II

A poesia faz entender os sentimentos alheios. Aprofunda a natureza do ser. E também descobre gradualmente o véu da compreensão do mundo. E da biologia...

Esta vida, excerto.

Uma célula orgânica aparece no infinito do tempo: e vibra, e cresce, e se descobre, e estala num segundo... Homem, eis o que somos neste mundo!

Guilherme de Almeida